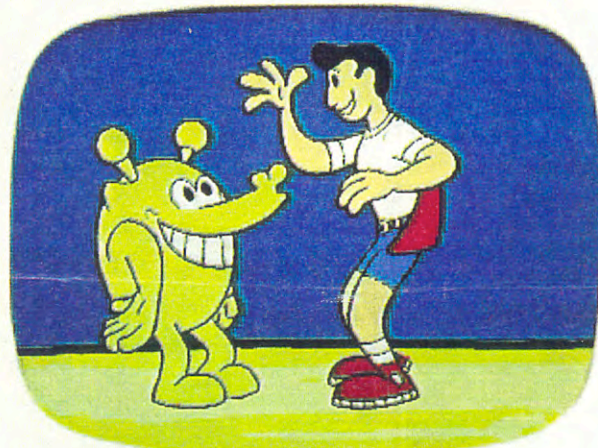


Sessão telinha

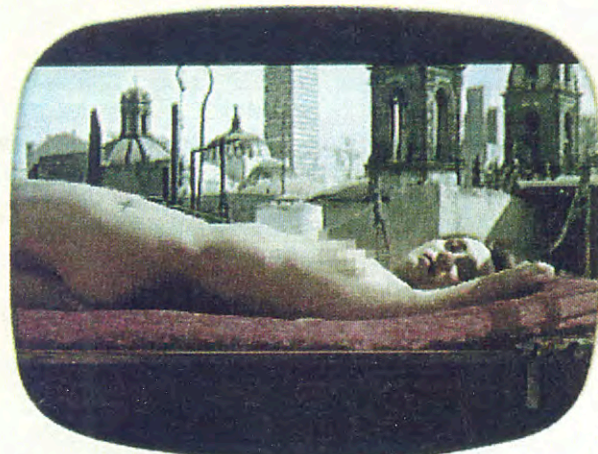
O Videobrasil reúne imagem, arte e diversão



O Menino, a Favela...: criança em Paraisópolis



As Aventuras do Bicudo: ET da Paulista em ação



Désir Noir: imagens poéticas e misteriosas

Lembra o tempo em que os aparelhos de videocassete tinham só duas cabeças e controle remoto preso por um fio? O Festival Videobrasil nasceu nessa época, em 1983. Era um programa cult, só para candidatos a videomakers ou fãs do gênero, cheio de imagens retorcidas e com chuveiros. Treze anos depois, o evento ganhou status de primeira grandeza dentro da agenda cultural paulistana. A 11ª edição do festival, desde 1990 em âmbito internacional, começa na quarta-feira 13, no Sesc Pompéia, e só termina no próximo dia 24. Reúne 69 vídeos, a maioria com menos de cinco minutos de duração, selecionados entre 353 produções nacionais e estrangeiras. A mostra competitiva é o centro do evento, mas, além dela, há muito para ver. São 2 400 metros quadrados recheados de instalações, palestras, performances e até um café eletrônico, para os visitantes conversarem com os autores dos vídeos via Internet. “Atingimos um ponto ideal”, orgulha-se Solange Farkas, curadora e diretora do evento.

Há atrações para todos os gostos. O festival trará pela primeira vez videoinstalações do coreano Nam June Paik, o inventor do gênero nos anos 50. Entre elas estará *TV Garden*, o jardim pipocado de monitores que esteve na Bienal de Artes de São Paulo em 1975.



TV Garden, videoinstalação de Nam June Paik: mestre do gênero

Só agora, também, o Videobrasil contará com uma videoteca para o público assistir individualmente às fitas da mostra. “Ao contrário do que acontece em outros festivais do gênero, muita gente que não entende nada do assunto passa para dar uma olhada”, diz Solange. No ano passado, ele foi visitado por mais de 15 000 pessoas. Foi tanta gente que, neste ano, a duração do evento passou de seis dias para duas semanas.

Um dos ingredientes que incrementarão a lotação será a instalação *Video Zoo*, criada por Cao Hamburger, o premiado diretor do programa infantil *Castelo Rá-Tim-Bum*, na TV Cultura, e

pelos artistas plásticos Vera Barros e Carlos Barmak. Os três debutam no ramo com um zoológico de 200 metros quadrados talhado para intrigar crianças. Formigas passeiam pelas telinhas e um monitor-tamanduá tenta sugá-las. Um rato sai da toca e tudo o que ele vê aparece em uma televisão, assim como o que entra no ângulo de visão da girafa e do elefante. “No meio da brincadeira, as crianças vão ver como as imagens mudam de acordo com o ponto de vista”, explica Hamburger. Ele participa também da mostra competitiva, com o vídeo de cinco minutos *O Menino, a Favela e as Tampas de Panelas*. A história se passa na favela de Paraisópolis. Rui Amaral, um dos pioneiros na arte do grafite paulistano, leva outro pedaço da cidade para a telinha. Na animação *As Aventuras do Bicudo* ele dá vida ao ET presente no grande mural de sua autoria, que enfeita o chamado “buraco da Paulista”. São temas paulistanos em meio a muito hermetismo e imagens misteriosas, como as mostradas no vídeo *Désir Noir*, de Inês Cardoso, a videasta revelação do último Videobrasil. Ou mesmo telas com chiados e rabiscos coloridos. Arte é arte.



Solange, diretora do evento: público maior

MÍRIAM SCAVONE